

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16770 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

TOMÁS DE AQUINO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA OBRA DE MAGISTRO

Paula Mayara Gonçalves Rocha - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Terezinha Oliveira - UEM - Universidade Estadual de Maringá

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

TOMÁS DE AQUINO: O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA OBRA *DE MAGISTRO*

RESUMO: Este estudo objetivou compreender a concepção de ensino e aprendizagem mediante uma perspectiva do mestre dominicano Tomás de Aquino (1224/5-1274) como forma de refletirmos sobre a formação humana do século XIII. Para tanto, trataremos como fonte a obra *De Magistro* (escrita em 1257-8), no qual o autor retrata o ensino como meio para se adquirir o conhecimento. Com este feito, o pensador medieval evidenciou a capacidade de abstração humana que, por meio de sua razão, compreende e utiliza o seu intelecto, e é sob essa condição que os homens se diferenciam dos demais animais. Além de uma concepção de ensino, o teórico nos revela uma concepção de homem que precisa ser formado em todos os momentos da história. É por meio dessa formação que ele receberá do agente extrínseco (mestre) que ele será humanizado, ou melhor, se tornará ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação. Tomás de Aquino. Ensino. Aprendizagem.

O objetivo deste estudo foi evidenciar a concepção de ensino e aprendizagem defendidos por Tomás de Aquino (1224/5-1274). Como fonte, nos pautamos em uma edição da obra *De Magistro* traduzida pelo professor Luiz Jean Lauand (1952-) da Faculdade de Educação da USP. Além de um estudo introdutório, ela é composta por uma questão disputada sobre a verdade, que fez parte da primeira regência de Tomás de Aquino na Universidade de Paris e, apresenta em seu cerne, o sistema de ensino de suas aulas, isto é, a educação escolástica.

De cunho bibliográfico e abordagem qualitativa, com ênfase na perspectiva da história social e conceito de longa duração, buscamos compreender o contexto vivido por Tomás de Aquino e evidenciar a sua forma de pensar o ensino e a aprendizagem no século XIII. Diante disso, entende-se que o homem se constitui do tempo passado, presente e futuro e, para que possamos compreender certas transformações e mudanças se faz necessário olhar a história em sua totalidade, no qual o tempo não permanece o mesmo, isto é, a cada nova geração, esta precisa aprender tudo de novo (Le Goff, 2003; Braudel, 2011). Nesse sentido, quando a geração não está preparada para formar a próxima, os comportamentos permanecem os mesmos, não há uma mudança nas interpretações de mundo, logo pensar uma transformação social é pensar a formação, em especial, da criança, pois é ela que atuará no futuro e

possibilitará a continuidade do mundo (Arendt, 2005).

Outro aspecto que evidenciamos incide no fato de preparar a criança para as coisas que estão por vir. O ensino promovido a ela no tempo presente, será de suma importância para sua formação no tempo futuro, dado que o professor formará seu aluno enquanto criança, mas pensando que no futuro está criança atuará nesse social. Deste modo, sobre o ensino, vale-se pensar que há dois caminhos que o mestre possibilita mediante a sua instrução, são eles: promover a transformação ou a conservação de certos comportamentos no tempo. Contudo, aquele que ensina precisa ser formado para formar este outro que também formará a geração que está por vir. E para que este professor cumpra com esta responsabilidade, ele precisa antes ter o conhecimento e ter recebido esta formação, pois só assim, ele terá subsídios para formar o outro.

Tomás de Aquino assegurava que não havia uma formação natural, ou seja, para ele a pessoa não aprenderia sozinha, ela necessitava de instrumentos para adquirir o conhecimento. Ao tecer sobre estas reflexões e pensarmos na condição de professor, pretendemos ressaltar a necessidade da interpretação do passado, para que possamos refletir sobre a educação e a prática pedagógica no tempo presente (Le Goff, 2003; Braudel, 2011). Ora, a ausência de um passado afeta, significativamente, na formação de uma identidade e mentalidade coletiva. Assim sendo, é preciso conhecer o passado para tomar de exemplo essas situações no tempo presente.

Ressaltamos que o homem preexiste mediante uma primeira causa, que para o dominicano é Deus, logo Ele será o verdadeiro mestre, mas isto não exclui do homem a sua capacidade de ensinar e ser mestre também. De certo, quem nos dá à luz da razão é Deus, é ele quem nos permite conhecer, mas o conhecimento também “[...] é causado em nós [...] pelo homem” (Tomás de Aquino, 2001, p. 38). Portanto, os valores que devem ser ensinados são aqueles que estão vinculados a essência humana, ou melhor, a formação defendida nesta pesquisa é a voltada para as virtudes. No entanto, o homem só promoverá o bem se o conhecê-lo, assim como o mestre só ensinará o que conhece. Nessa perspectiva, o conhecimento além de nos tornar mais próximos de Deus, aprimora a nossa condição humana, no qual ensinar é fazer com que o homem encontre a sua própria natureza.

Compreende-se que o século XIII vivenciado pelo mestre Tomás é marcado pelo renascimento das cidades e do comércio, no qual tinha-se como instituição norteadora da sociedade, a Igreja, por isso é perceptível a busca de uma formação pautada nos preceitos cristãos. As relações sociais deste período eram intermediadas pela conciliação de fé e razão (escolástica), revelando que ao refletir sobre as questões que emergiam da sociedade, se fazia imprescindível retomar em primeira instância a Deus, dado que ao compreender as coisas celestes, conseqüentemente, compreendia-se as coisas terrenas (Grabmann, 1949; Oliveira, 2005).

A escolástica possibilitou a criação de um local de estudos mediante a necessidade de

se produzir novos conhecimentos e, como forma de comportar os mestres e seus discípulos, surgiu-se então, as Universidades Medievais. Tomás de Aquino foi considerado um intelectual que contribuiu para a formação humana neste momento da história, principalmente por lecionar dentro destas instituições, evidenciando uma preocupação para com a aprendizagem e a necessidade do desenvolvimento intelectual para se entender os questionamentos que se faziam presentes no século XIII (Oliveira, 2005).

O ensino e aprendizagem que ocorria dentro das Universidades Medievais, segundo Martines (2019), acontecia mediante a *Lectio* e a *Disputatio*: na primeira, os estudos não se reduziam a uma leitura literal do texto, o mestre fazia seus próprios comentários sobre a obra e, na segunda, após a leitura do texto, faziam-se as disputas mediante um problema. O mestre apresentava uma hipótese e, em seguida, as objeções que podiam ser contrárias ou não e por fim, cabia ao mestre concluir. É válido ressaltar que as disputas aconteciam de forma privada (entre mestres e discípulos), públicas (para toda a Universidade) e comemorativas (para mestres renomados). A leitura foi uma preocupação dos mestres da Igreja neste momento da história. Com isso, o livro também desempenhou um papel importante para o ensino e para a preservação dos registros históricos, uma vez que todas as disputas estavam fundamentadas em autores e textos da tradição (Martines, 2019).

A ideia de ensino defendido por Tomás de Aquino, está no fato de que ensinar é causar conhecimento intelectual no outro. Citando Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), mestre Tomás salienta: “Só Deus tem a cátedra nos céus e Ele ensina a verdade sobre a terra; o homem está para a cátedra como o agricultor para a árvore.” (Tomás de Aquino, 2001, p. 25). Nesse sentido, o agricultor não cria a árvore, mas dá ferramentas necessárias para que ela se desenvolva, cresça e dê frutos, e este seria o papel do mestre. O homem, enquanto aquele que ensina, ilumina a mente de seu discípulo, ou melhor, prepara a mente para a recepção do conhecimento.

Para se entender o conhecimento, destacamos algumas ideias presentes na Questão 79 da primeira parte da *Suma Teológica* (escrita entre 1265-1273), no qual o pensador medieval discute sobre as potências intelectivas. Destacamos: “[...] só em Deus o intelecto é sua essência; nas outras criaturas dotadas de intelecto, ele é uma potência do que conhece.” (Tomás de Aquino, 2005, p. 435). Assim sendo, o intelecto presente no homem é uma potência da alma e não a sua essência, ou seja, só em Deus será essência.

Em consonância com Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), o dominicano afirma que a alma humana possui outras potências: a **apetitiva** atrelada as plantas, a **sensitiva** aos animais e a **intelectiva** ao ser humano. Diante disso, entende-se que há uma preexistência para agirmos mediante a nossa potência apetitiva e a sensitiva, mas é mediante a potência intelectual, pautada no hábito, que nos dará a condição humana. A mente é capaz de aprender e quanto menos suscetível de aprendizado, mais provido pelos instintos estaremos. Deste modo, é preciso impor um limite aos desejos, a esse desejo midiático, que para o Tomás de Aquino seria mediante uma formação virtuosa.

As virtudes nos distanciam da nossa condição animal (sensitiva) e para que as elas sejam adquiridas é necessário o hábito (Aristóteles, 1996). Como afirma Boaventura (1985, p. 305): “Quem se incumba do ofício de tomar bons a outros, primeiro deverá ter aprendido esta ciência da bondade, exercitando-a em si mesmo desveladamente, e pela frequente prática deverá tê-la convertido em hábito”. Nessa perspectiva, o professor tem que ter bons hábitos para que possa ensinar os seus alunos, mostrando por meio do exemplo e das palavras (discurso), o conhecimento ao que aprende.

Ao evidenciar a natureza intelectual, Tomás de Aquino compreende que é a alma que me permite conhecer e o local no qual se encontra o intelecto. O intelecto se encontra presente primeiro no homem enquanto potência (intelecto possível) e depois se configura em ato (intelecto agente), em outras palavras, todo o conhecimento começa pelos sentidos, que se configura em uma imagem que é apreendida pelo intelecto possível, transformando essas percepções em conhecimento abstrato (intelecto agente). Além disso, por meio do ensino, a mente do homem é estimulada a saber aquilo que ignora, no qual só o homem que sabe, ou melhor, que possui o conhecimento, pode ensinar o outro.

O conhecimento é uma apropriação imaterial, abstrata. E pode ser adquirido de duas formas: como potência ativa e passiva. Na primeira, entende-se que o homem pode adquirir o conhecimento por si mesmo, é o que Tomás de Aquino vai denominar de ‘Descoberta’ que ocorre de maneira acidental e, a segunda quando necessita de uma agente extrínseco que ajude a razão, para que este alcance o conhecimento, que será chamado por ele de ensino, ou ‘Conhecimento Substancial’.

Quando o aluno faz a descoberta, todo o processo para se chegar a este conhecimento, acontece de forma intrínseca, no qual o aluno chega a conclusões particulares. Agora, quando o professor ensina o aluno, esse processo da razão ocorre de maneira extrínseca, externa a ele, ou melhor, é o professor este agente extrínseco que dará meios para que este aluno chegue ao conhecimento do que ignorava. Nas palavras do pensador medieval: “O agente extrínseco age somente ajudando o agente intrínseco, fornecendo meios que possam fazer surgir o ato.” (Tomás de Aquino, 2001, p. 31). Nestas postulações, verifica-se que o homem pode ensinar o outro e, ao ensinar se torna mestre. A luz da razão para conhecer os princípios da vida nos foi dada por Deus. Ele é quem verdadeiramente ensina de maneira intrínseca, atuando no íntimo da mente, já o homem ensina de maneira extrínseca.

A razão está no intelecto, é pelos sentidos que o intelecto recebe os sinais que causa em si mesmo o conhecimento. Ele capta e conserva esse conhecimento de forma acidental. E o professor ao ensinar, não infunde o mesmo conhecimento que possui, infunde um conhecimento semelhante, dá instruções para que o seu aluno adquira um conhecimento próprio. Nesse sentido, o verdadeiro mestre será aquele que ensina a verdade e ilumina a mente, não infundindo a luz da razão, pois esta é nos dada por Deus, mas de ajudar a luz a se propagar. Sobre o intelecto agente, destacamos que este é a causa principal do conhecimento, enquanto que o mestre é a causa instrumental, que conduz o intelecto ao conhecimento. Deus

é mestre porque ele possui o conhecimento de todas as coisas e, o homem por sua vez, na condição de professor, conhece explicitamente o conteúdo que irá ensinar ao aluno. Nisso, ensinar é causar conhecimento da verdade no outro, portanto tanto Deus quanto o homem podem ensinar.

Por fim, para o Tomás de Aquino, há a necessidade de uma formação voltada ao homem, formá-lo é dá-lo condições mínimas para se tornar homem e atuar na sociedade. Se não cumprimos com este papel, de formar o outro e fazer que isso se perdue no tempo por meio das gerações, estamos nos afastando daquilo que nos torna humanos e passamos a agir cada vez mais com a nossa potência sensitiva. Sob este ponto de vista, não se deve educar a criança visando um estado atual da espécie humana, mas um estado melhor, por isso, as virtudes são necessárias, pois sem elas temos uma educação descuidada e corrupta. O outro agir com a ausência das virtudes, não me faz enquanto aquele que conhece, que possui o conhecimento, agir da mesma forma. São as virtudes que denominam e definem a condição humana, mas é preciso ter consciência intelectual e perceber que as ações humanas também podem causar mal ao outro. Portanto, compete ao professor iluminar a mente de quem é ensinado, não transpor ao aluno um conhecimento, mas dar condições para que ele possa conhecer. Um professor jamais deve desejar um jardim no qual todas as flores sejam iguais, aos seus olhos, irá brilhar, um jardim quanto o mais variado o for.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, Col. Os Pensadores, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRABMANN, Martin. **Filosofia Medieval**. (1ª. Ed. 1928). Barcelona: Labor, 1949.
- LE GOFF, Jacques. Passado/Presente. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo: Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.
- MARTINES, Paulo Ricardo. O exercício da lectio na tradição medieval. **Acta Scientiarum**. Education, v. 41, e46791, p. 1-9, 2019.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Escolástica**. São Paulo/Porto: Mandruvá/Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade de Porto, 2005.
- SÃO BOAVENTURA. As seis asas do Serafim. In: **Obras Escolhidas**. Org. Luís A. De Boni. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.
- TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o Ensino (De Magistro) e Os Sete Pecados Capitais**. Tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. I, parte I. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola,

